



B1

ISSN: 2595-1661

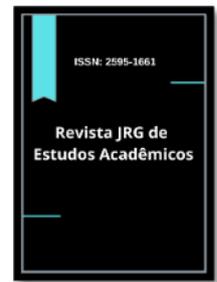
ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br/)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



A velhice para pessoas idosas brasileiras frente à pandemia de Covid-19: uma Análise Psicossocial

Old age for brazilian elderly people in context of the Covid-19 pandemic: a Psychosocial Analysis



DOI: 10.55892/jrg.v8i18.1953

ARK: 57118/JRG.v8i18.1953

Recebido: 25/02/2025 | Aceito: 14/03/2025 | Publicado *on-line*: 16/03/2025

Gutemberg de Sousa Lima Filho¹

<https://orcid.org/0000-0003-0053-4494>

<http://lattes.cnpq.br/9351607344579601>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: gutonf91@gmail.com

Mateus Egilson da Silva Alves²

<https://orcid.org/0000-0001-5759-8443>

<http://lattes.cnpq.br/3727072272574689>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: mateusegalves@gmail.com

Evair Mendes da Silva Sousa³

<https://orcid.org/0000-0002-4594-6110>

<http://lattes.cnpq.br/3587077902082279>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: evairmendes@hotmail.com

Maria Fernanda Lima Silva⁴

<https://orcid.org/0000-0003-4499-9875>

<http://lattes.cnpq.br/0524979903266736>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: nandalima15sd@gmail.com

Jéssica Gomes de Alcântara⁵

<https://orcid.org/0000-0003-0280-9332>

<http://lattes.cnpq.br/9305082843254333>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: jessalcantaraa96@gmail.com

Paulo Henrique Oliveira Barbosa⁶

<https://orcid.org/0009-0000-4474-4093>

<http://lattes.cnpq.br/5407107112308131>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: psipaulobarbosa@gmail.com

Nicole de Sousa Nobre⁷

<https://orcid.org/0009-0002-0142-7623>

<http://lattes.cnpq.br/9991439930287810>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: psi.nicolenobre@gmail.com

Ludgleydson Fernandes de Araújo⁸

<https://orcid.org/0000-0003-4486-7565>

<http://lattes.cnpq.br/1897410114807269>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: ludgleydson@yahoo.com.br

¹ Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

³ Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁴ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁵ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁶ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁷ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁸ Doutor em Psicologia pela Universidade de Granada na Espanha e Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/PPGPsí na Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPar.

Resumo

O envelhecimento populacional configura-se um tema relevante, sobretudo ao considerar a pandemia de COVID-19. Objetivou-se averiguar as representações sociais acerca da velhice para pessoas idosas brasileiras. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir do referencial teórico-metodológico das Representações Sociais (RS). Os instrumentos utilizados foram: questionário sociodemográfico e entrevista semi-estruturada, analisados, respectivamente, nos softwares SPSS e Iramuteq. Contou-se com 250 participantes, com idades entre 60 e 95 anos, a maioria do sexo feminino (66,4%), autodeclarada parda (46,4%), católica (76,4%) e com renda entre 1 e 2 salários-mínimos (37,2%). Foram identificadas RS organizadas em 3 classes, que contemplam: a importância do cuidado com a pessoa idosa e o convívio social; os ganhos e perdas na velhice; e a percepção sobre o envelhecimento como uma etapa natural, mas influenciada por aspectos psicossociais. Espera-se que os dados possam subsidiar estratégias para melhorar as práticas psicossociais destinadas aos idosos no contexto pós-pandemia.

Palavras-chave: COVID-19. Envelhecimento. Representações Sociais. Velhice

Abstract

Population aging is a relevant topic, especially considering the COVID-19 pandemic. This study aimed to investigate the social representations of old age among Brazilian elderly individuals. It is a qualitative research based on the theoretical-methodological framework of Social Representations (SR). The instruments used were a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview, analyzed using SPSS and Iramuteq software. The study included 250 participants aged between 60 and 95 years, mostly female (66.4%), self-declared mixed-race (46.4%), Catholic (76.4%), and with an income between one and two minimum wages (37.2%). The identified SRs were organized into three classes: the importance of elderly care and social interaction; the gains and losses in old age; and the perception of aging as a natural process influenced by psychosocial aspects. The data may support strategies to improve psychosocial practices for the elderly in the post-pandemic context.

Keywords: COVID-19. Aging. Social Representations. Old Age

1. Introdução

Um dos fenômenos recentes da sociedade é a transformação demográfica evidente na pirâmide etária de diversos países. Essa mudança caracteriza-se por uma diminuição da parcela de pessoas jovens, enquanto a expectativa de vida cresce cada vez mais, evidenciando o envelhecimento da população (Lima; Konrad, 2020). Diversos fatores estão associados a esse fenômeno, como a melhoria da segurança alimentar, na saúde pública, os avanços na tecnologia médica e desenvolvimento socioeconômico, dentre outros, que permitem maior longevidade às famílias e possibilidades de um envelhecimento mais saudável e com melhor qualidade de vida (Gu; Andreev; Dupre, 2021), que abrem espaço para a possibilidade de uma longevidade em vida. Além disso, Chaimowicz e Chaimowicz (2022) destacam que esse fato está associado a modificações do perfil epidemiológico e características socioeconômicas das populações.

Diante desse cenário, no Brasil o envelhecimento populacional e o aumento da expectativa de vida também são uma realidade atual. Alves et al. (2022) apontam que as discussões sobre longevidade no país demonstram que o fenômeno do

envelhecimento populacional brasileiro é considerado um fato inegável e irrevogável. Conforme dados do Censo do IBGE (2022) de 2012 a 2022 o número de idosos no país cresceu de 11,3% para 15,3%. Além disso, dados mais recentes apontam que em 2024 o número de idosos ultrapassou o quantitativo de jovens adultos de 15 a 24 anos no país (IBGE, 2024). Nesse sentido entende-se que até 2035 o país será considerado totalmente “envelhecido”, denominação dada a nações que possuem mais de 14% da sua população composta por idosos (Chaimowicz; Chaimowicz, 2022).

Dessa maneira, faz-se necessário discutir a temática da velhice na sociedade atual, pois a expansão da população idosa tem impactos sociais, econômicos e demográficos (Sousa et al., 2022), provocando mudanças históricas e socioculturais na sociedade. Assim sendo, é fundamental compreender os diversos aspectos da velhice, tanto no que se refere às dimensões biológicas, quanto nos termos socioculturais, como apoio social, e psicológicos, como a percepção da velhice envelhecimento (Gaivano et al., 2024). Desse modo, é fulcral entender que a velhice é uma etapa da vida caracterizada por sua multiplicidade, ou seja, é vivenciada de diversas formas para cada indivíduo. Isso porque o processo de envelhecimento é encarado de diferentes formas pelas pessoas, de acordo com o contexto sócio-histórico e cultural em que estejam presentes, ainda que algumas modificações sejam naturais e gerais a todos (Araújo; Carlos, 2018).

Exemplo disso é perceptível ao se fazer um recorte de gênero, pois segundo Chaimowicz e Chaimowicz (2022) há uma maior prevalência de demências, depressão e dependência funcional nas mulheres, especialmente dentre as mais velhas. Já os estudos de Chen et al. (2020) destacam que as doenças não são algo inato da velhice, mas que idosos que possuem estilos de vida mais saudáveis e apoio social e familiar apresentam podem ter melhor qualidade de vida. Consoante a isso, ao se observar pela lente da orientação sexual, um estudo de Sánchez, Martínez e Hernandis (2024) demonstra que há particularidades e obstáculos devido à homofobia durante a velhice de homens gays.

Ademais, é fulcral considerar que há aspectos gerais que caracterizam modos como a sociedade enxerga a velhice. É perceptível que a noção de velhice é perpassada por preconceitos e estereótipos sociais, que assumem por exemplo que pessoas idosas são frágeis e com deficiência cognitiva (Lenchik; Steinbach; Boutin, 2023). Na contemporaneidade, Barroso et al. (2019) descrevem que a velhice é encarada como um problema, principalmente por estar associada a algo inoportuno e a estereótipos marcados pela carência, perdas e fragilidades. Além disso, o processo de envelhecer é uma tarefa muito difícil para as pessoas, haja vista que há uma exaltação da juventude, em detrimento da desvalorização da velhice e exclusão dos idosos em vários domínios da vida (Chang et al., 2020).

Sob outra perspectiva, Pereira e Leonardo (2023) descrevem que a velhice não é uma fase de declínio do indivíduo, mas uma etapa importante do desenvolvimento humano, caracterizada por desafios psicossociais e pela possibilidade de novos aprendizados e experiências, na qual as pessoas assumem novos papéis sociais. Ademais, há estudos que demonstram que as concepções acerca da velhice não são homogêneas e que há representações positivas dela e do envelhecimento em sociedades não ocidentais, como uma pesquisa de Goudarzian et al. (2024) que demonstrou que em culturas asiáticas há atribuições mais positivas na percepção sobre pessoas idosas. Isto corrobora, mais uma vez, com a proposição de que a visão sobre a velhice, bem como a experiência da mesma, não é únicas e inflexíveis e que

as atribuições negativas feitas a essa etapa da vida se situam dentro de contextos sociais específicos.

Diante do exposto, a temática da velhice precisa ser discutida na atualidade, a fim de proporcionar uma compreensão do papel social das pessoas idosas, bem como sobre os espaços ocupados por elas na sociedade contemporânea, ainda mais mediante o contexto recente da pandemia de COVID-19. A doença é causada por um novo tipo de coronavírus (Faro et al., 2020) e se espalhou de forma tão severa pelo mundo que Brito et al. (2020) destacam ser um dos grandes desafios do século XXI, haja vista o impacto de caráter mundial da doença. Tendo isso em vista, alguns estudos realizados sobre a COVID-19 indicam que há uma associação entre a faixa etária do paciente e a suas morbidades com o aumento do risco para resultados clínicos desfavoráveis e consequências deletérias a população idosa (Abate et al., 2020; Wister; Speechley, 2015). Desse modo, o cenário da pandemia colocou ainda mais em voga as pessoas idosas, tanto pelo quantitativo dessa população na sociedade, quanto porque elas foram consideradas como grupo de risco à COVID-19, evidenciando os diversos aspectos que envolvem essa população (Alves et al., 2022).

Além dos impactos na saúde física dos idosos, a saúde mental dessa população idosa também foi afetada, pois como descreve Sher (2020) no início da pandemia havia muitas dúvidas sobre a COVID-19, de modo que muitas pessoas idosas desenvolveram medos e inseguranças quanto à possibilidade de contágio do coronavírus e os riscos do mesmo. Dourado (2020) evidencia em seus estudos que, durante a pandemia, os idosos passaram a sentir que ter mais de sessenta anos era um “fardo”, pois a idade passou a ser atrelada a uma noção de risco. A autora ainda pontua que considerar sem qualquer criticidade a noção de que as pessoas idosas precisam ser tuteladas, pois são frágeis, pode fomentar a imagem social de que a velhice é uma fase de perdas, principalmente de autonomia, ou de improdutividade. Ademais, há pesquisas que comprovam uma maior ocorrência de hostilidade em relação aos idosos durante a pandemia e em alguns países há evidências de que houve um aumento no preconceito contra idosos nesse período (Berde; Kovács; Kurbanova, 2023; Nia et al., 2021).

Consoante a isso, Oliveira et al. (2020) destaca que o tratamento preconceituoso para com a pessoa idosa se tornou ainda mais perceptível na pandemia. Ademais, é válido destacar que o preconceito contra pessoas idosas pode influenciar na forma como eles são tratados pela sociedade, bem como na percepção que essas pessoas têm de si mesmas (Donizetti, 2019). Dessa maneira, discutir como esse grupo compreende a velhice mediante o contexto social atual é um ponto importante, que pode auxiliar na garantia de direitos e reflexões sobre o bem-estar dessa população.

Diante do exposto, a Teoria das Representações Sociais (TRS), elaborada por Serge Moscovici, apresenta-se como uma ferramenta efetiva para a compreensão desses elementos. A TRS auxilia na apreensão de que modo determinado conceito ou fenômeno é compreendido no pensamento social, considerando sua dinâmica e sua diversidade (Arruda, 2002). Isso porque a representação social de um objeto é produzida pelos indivíduos a partir do grupo de pertencimento dele, ou seja, é importante verificar quem fala e de onde fala (Moscovici, 2012). Moscovici (2012) apresenta dois principais processos formadores das Representações Sociais: a Ancoragem e a Objetivação. Ainda conforme o autor, o primeiro processo refere-se à classificação e nomeação de objetos, pessoas e ações; enquanto o segundo permite expressar as ideias, objetos ou pensamentos por meio do discurso propriamente dito, através de conteúdos que expressem aquilo que se pensa.

Dessa forma, as representações possibilitam compreender e dar sentido à vida cotidiana e aos acontecimentos que a permeiam (Jodelet, 2016), transformando aquilo que é desconhecido, em algo familiar. Assim, a TRS apresenta-se como uma estratégia de conhecimento de teorias do senso comum frente a determinada problemática que possibilita apreender representações sobre o tema (Moscovici, 2012). Considerando que as representações sociais são compostas pelas informações do senso comum, possibilitando verificar a organização dos conhecimentos de um grupo acerca de um objeto social (Rocha, 2014), através dela pode-se identificar como o grupo de pessoas idosas brasileiras compreende o fenômeno da velhice na atualidade.

2. Metodologia

2.1. Tipo De Investigação

Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, descritiva e exploratória, a partir de dados transversais e com amostra do tipo não probabilística por conveniência.

2.2. Participantes

A pesquisa conta com 250 idosos de ambos os sexos, com idades entre 60 e 95 anos. Os critérios de inclusão convergem com os propostos em estudos com objetivos semelhantes, como os de Castro, Alves, & Araújo (2020) e Alves et al. (2022) dentre os quais: (1) ter 60 anos ou mais de idade; (2) ser brasileiro; (3) não apresentar comprometimentos que afetem a capacidade comunicativa; (4) aceitar participar voluntariamente da pesquisa e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A amostra é formada por pessoas idosas de todas as regiões brasileiras e é, em maioria, do sexo feminino (66,4%), sendo a maior parte (98,4%) heterossexual. Para uma melhor visualização dos dados, a seguir é apresentada a Tabela 1 com algumas das principais características sociodemográficas da amostra.

Tabela 1. Dados sociodemográficos da amostra.

Cor	Branca: 36% Preta: 14% Parda: 46,4% Amarela: 3,6%
Estado Civil	Solteiro: 8,9% Casado: 55,3% Divorciado: 10,2% Viúvo: 25,6%
Escolaridade	Sem Escolaridade: 17,4% Ensino Fundamental: 36,1% Ensino Médio: 27,4% Ensino Superior: 13,3% Pós-Graduação: 5,8%
Religiosidade	Católica: 76,4% Evangélica: 16,4% Espírita: 3,6% Nenhuma: 3,6%
Renda Mensal	Até 1 SM: 32,8% Entre 1 e 2 SM: 37,2% Entre 2 e 3 SM: 22% Entre 3 e 5 SM: 5,2% Acima de 6 SM: 2,8%

Fonte: Elaborado pelos autores.

2.3. Instrumentos

O estudo utiliza dois instrumentos adequados tanto no formato impresso, como também para o formato do formulário eletrônico Google forms, os quais foram: um questionário sociodemográfico com perguntas para caracterização do(a)s participantes; e uma entrevista semiestruturada, a partir da pergunta norteadora “O que o(a) senhor(a) entende por velhice?”.

2.4. Procedimentos Éticos

O estudo seguiu rigorosamente os preceitos éticos preconizados pela Resolução 510/2016, que trata de pesquisas e testes em seres humanos. Além de possuir aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Piauí, com parecer nº 4.942.097. Ressalta-se que tanto no contexto presencial quanto na coleta online, foi incluído o espaço adequado para o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além de explicitados os objetivos pertinentes ao estudo e a garantia do anonimato e confidencialidade das respostas proferidas pelos participantes para conferência apenas dos pesquisadores responsáveis. Não tiveram objeções à participação no estudo.

2.5. Coleta De Dados

A coleta de dados foi realizada em dois formatos: online e presencial. Na modalidade online, foi feita a divulgação pública com as informações da pesquisa em postagens nas redes sociais (Instagram, Facebook, WhatsApp e Twitter), seguida de uma triagem feita por vídeo-chamada para confirmar a identificação do idoso para participar da pesquisa. A partir disso, os participantes foram apresentados ao TCLE e informados sobre a temática da pesquisa, a garantia do sigilo e o livre arbítrio para desistir de responder a qualquer momento. As entrevistas ocorreram de forma privada apenas com os(as) idosos(as) e os pesquisadores do estudo, com duração média de 25 minutos.

No que compete à coleta presencial, ocorreu através dos formulários impressos, levados pelo pesquisador a espaços públicos que contavam com pessoas idosas. As informações referentes à pesquisa foram executadas da mesma maneira do formato online, esclarecendo sobre TCLE, a temática da pesquisa, a garantia do sigilo e o livre arbítrio para desistir de responder a qualquer momento. A pesquisa também foi feita em particular somente com o idoso e teve duração média de 25 minutos.

2.6. Análise De Dados

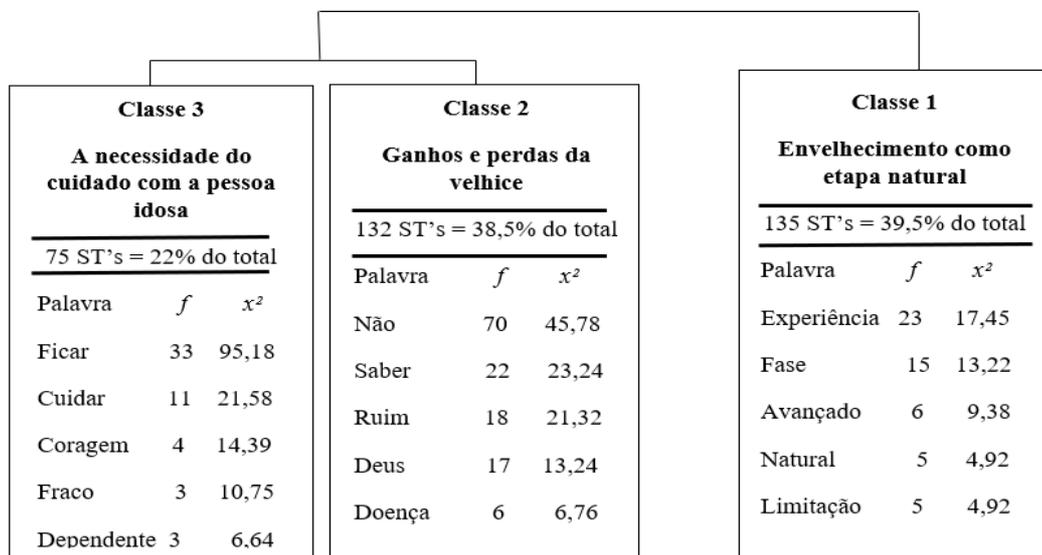
Os dados do Questionário Sociodemográfico foram analisados através do software SPSS for Windows versão 21.0, que fornece estatísticas descritivas, utilizadas para a caracterização dos participantes. No que se refere à análise das informações da entrevista semiestruturada, a análise foi feita através do software Iramuteq versão 0.7, a partir da ferramenta Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que organiza em categorias os conteúdos textuais apresentados pelos participantes.

3. Resultados e Discussão

O corpus geral foi formado por 250 textos, separados em 342 segmentos de texto (ST), com aproveitamento equivalente a 85,09%. Emergiram 7781 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 1219 palavras distintas e 627 com uma única ocorrência. O conteúdo analisado foi categorizado em três classes: Classe 1, com 39,5%; Classe 2, com 38,5%; Classe 3, 22%.

Para melhor visualização, é apresentado a seguir o Dendrograma (ver Figura 1) resultante com a lista de palavras que compõe cada uma das classes emergidas da CHD, baseando-se no teste Qui-quadrado (χ^2) e com a frequência em que elas aparecem nos conteúdos textuais. Posteriormente, cada classe é descrita a partir da ordem em que se apresenta-se na CHD.

Figura 1. Dendrograma com a classificação hierárquica descendente.



3.1. Classe 3 – A Necessidade De Cuidado Com A Pessoa Idosa

Nesta classe, os participantes ancoram suas representações da velhice à uma necessidade de auxílio constante, elencando uma série de adjetivos que caracterizam a pessoa idosa como alguém frágil e vulnerável (Langmann, 2023). Essa perspectiva está em consonância com estudos como o de Allen, Elias e Greenwood (2023), que apontam que os idosos costumam ser rotulados como um grupo homogêneo e vulnerável. Ademais, isto intensificou-se durante a pandemia de COVID-19, pois os veículos midiáticos reforçaram frequentemente a noção de vulnerabilidade e homogeneidade dos idosos (Bravo-Segal; Villar, 2020).

Nesse sentido, Oliveira e Anderson (2020) descrevem que frequentemente a noção de velhice é associada à inutilidade e incapacidade, uma vez que a sociedade valoriza bastante o consumo e tem a produtividade como uma de suas prioridades. Dessa forma, os autores ainda apontam que essa valorização da produtividade a todo custo pode ser um fator que influencia a maneira como os próprios idosos concebem a ideia de ficar velho, conectando esta à falta de disposição, de tarefas e à dependência de outras pessoas. Contudo, embora possam emergir doenças na velhice que levem pessoas idosas à fragilidade e vulnerabilidade, isto não é uma regra e consequência inata da velhice, pois deve-se levar em conta também circunstâncias

sociais, afetivas e econômicas, ou seja, a heterogeneidade da velhice (Langmann, 2023).

Assim sendo, a literatura destaca que frequentemente a noção de velhice está ancorada a estigmas e tabus sociais e é justamente o etarismo um dos fatores que corrobora com a vulnerabilidade de pessoas idosas (Langmann, 2023). Desse modo, o preconceito e estereótipos podem ser internalizado pelos idosos e influenciar a forma como eles se percebem (Donizette, 2019), como no discurso dos participantes deste estudo, que evidenciam representações conectadas à dependência e vulnerabilidade, como:

“A velhice não vale de nada porque a pessoa fica dependente dos outros” (Mulher, 78 anos, parda, renda de até 1 SM)

“Velho é aquela pessoa que não pode fazer mais nada, que depende dos outros, que vive em abrigo” (Mulher, 69 anos, preta, renda entre 2 e 4 SM)

“Quando chega na velhice não temos condições de fazer mais nada, ficamos caducando, isso me assusta” (Mulher, 69 anos, branca, renda de até 1 SM)

“Quando chega na velhice a gente precisa dos cuidados da família, fica dependente, mas eu sou feliz que vou ser cuidado pela minha netinha” (Homem, 80 anos, amarelo, renda de até 1 SM).

“Na velhice a pessoa depende da família, então a primeira coisa necessária é a família cuidar do velho, mas a sociedade deve intervir caso o idoso esteja sendo maltratado” (Mulher, 73 anos, parda, renda entre 2 e 3 SM).

Diante do exposto, verifica-se que os participantes ancoram o aspecto da dependência às pessoas idosas e buscam dar um direcionamento em relação às necessidades de cuidados na velhice, seja pela família ou instituições. O que vai ao encontro das representações sociais encontradas na pesquisa de Alves *et al.* (2022), onde evocam representações associadas à impotência, apreensão e negatividade, ao passo que também revelam a importância de fatores protetivos no cotidiano de idosos. Consoante a isso, Marcon *et al.* (2006) destacam que a família pode ser uma rede afetiva importante ao idoso, transformando-se em um espaço contribuinte para a sobrevivência e proteção dos idosos, além de ser um local de aprofundamento dos valores e laços de solidariedade. Um estudo recente sobre velhice na China aponta que a família pode ser fator importante no suporte social e financeiro de pessoas idosas (Oliveira; Kerr, 2024). Ademais, os relacionamentos e apoio social são aspectos importantes no envelhecimento e experiência da velhice, além de que os laços íntimos com o cônjuge ou com a família são considerados particularmente protetores contra psicopatologias, como a depressão (Langmann, 2023; Son, 2022).

Gomes *et al.* (2020) verificam que as questões de declínio na velhice podem estar relacionadas com um sentimento de solidão por parte das pessoas idosas. Desse modo, ainda conforme os autores, as possíveis fragilidades dos idosos estão relacionadas não somente aos aspectos físicos, como afetivo-sociais. Tais elementos são fulcrais a serem considerados, ainda mais ao se levar em conta o contexto pandêmico no qual a pesquisa foi realizada. Exemplo disso, está em um estudo

desenvolvido por Romero *et al.* (2021), que demonstra que o sentimento de solidão durante a pandemia afetou metade dos idosos. Consoante a isso, Riedel-Heller (2022) aponta que a integração social das pessoas idosas se tornou ainda mais essencial a partir da pandemia de COVID-19. Assim, é importante ressaltar esse aspecto ancorado às representações dos participantes, visto que a pandemia deixou consequências no âmbito social que ainda estão sendo analisadas.

Por fim, é importante considerar que a concepção de dependência também envolve fatores socioeconômicos. Isso porque outro fator destaque nesta classe é que a maior parte das pessoas possuem renda de até 1 Salário-Mínimo (SM). Considerando que muitas pessoas idosas não possuem subsídio necessário do governo e, que segundo Romero *et al.* (2021), com o advento da pandemia a renda financeira de muitos idosos reduziu, o sentimento de dependência ou necessidade de ajuda de outras pessoas pode se fazer presente para esses idosos. Ademais, as preocupações com a vulnerabilidade estão em consonância com a literatura, uma vez que idosos com menor status socioeconômico podem ter mais experiências negativas na velhice e estão suscetíveis a condições de vida mais duras ou ter maior exposição a fontes crônicas de estresse (Allen; Elias; Greenwood, 2023).

3.2. Classe 2 – Ganhos E Perdas Na Velhice

Esta classe está associada à Classe 3 e nela são descritos os desafios que na percepção dos participantes estão ancorados à velhice. Nota-se que muitos desafios elencados pelos entrevistados associam-se a questões internas da pessoa, como “doença”, “incapacidade”, “morte”. É importante considerar que o processo de envelhecer é uma tarefa muito difícil para as pessoas, haja vista que a noção social sobre a velhice é atrelada a vários estigmas, estereótipos e muitas representações sociais negativas (Teixeira *et al.*, 2024) e pode-se notar nos trechos a seguir:

“Além de meus filhos não virem me ver, tenho doenças demais, toda hora aparece uma nova.” (Mulher, 66 anos, parda, renda entre 2 e 3 SM)

“Você fica mais vulnerável a doença na velhice” (Homem, 69 anos, amarelo, renda de até 1 SM)

“Vivo indo ao médico doente, é muito ruim isso, não aguento mais” (Mulher, 66 anos, branca, renda de até 1 SM)

Diante disso, observa-se as representações ancoradas com centralidade na doença e debilidade, mas intrinsecamente relacionada a outros fatores que interferem em suas vivências, que por conseguinte, afetam em como percebem sua vida. Um desses fatores é o convívio social, que conforme os idosos é um ponto importante para o enfrentamento de adversidades causadas pelas morbidades. Essa dimensão do campo relacional é muito relevante, tendo em vista que em uma pesquisa realizada com idosos o elemento “convívio social” teve contribuições efetivas na diminuição do foco nas incapacidades decorrentes do processo de envelhecimento e de possíveis doenças (Manso; Comosako; Lopes, 2018). Outrossim, ao se considerar o contexto pandêmico, Harden *et al.* (2020) pontuam que o distanciamento social, embora tenha sido uma medida sanitária necessária, foi um fator propulsor de uma rotina solitária, tendo em vista as restrições de contato e comunicação.

Embora alguns elementos das RS dos idosos corroborem com o que a literatura aponta sobre os estigmas da sociedade sobre a velhice, haja vista que esta etapa da vida é associada a atributos negativos, ao declínio, doenças e incapacidades (Daniel; Antunes; Amaral, 2015; Gomes et al., 2020), é fundamental destacar que conforme a literatura, a velhice não ocorre de forma homogênea e o processo de envelhecer pode variar. Consoante a isso, Papalia e Feldman (2013) descrevem que as debilitações funcionais das pessoas idosas têm maior relação com o estilo de vida e histórico de saúde destes e não apenas com o processo de envelhecer. Dessa maneira, para se pensar sobre velhice, é necessário abarcar as diferenças socioculturais— como gênero, raça, sociabilidade, entre outros— que perpassam a experiência de envelhecer do indivíduo (Barroso, 2021).

Outros elementos que emergem nessa classe são a noção de que mesmo com as adversidades ressaltadas pelos entrevistados, a maior parte dele considera chegar à velhice uma coisa boa.

“São muitas dificuldades por conta do aparecimento de doenças, mas agradeço a Deus por chegar até aqui” (Mulher, 66 anos, branca, renda entre 1 e 2 SM)

“Apesar de ter a parte das doenças, é bom porque a gente passa a ter mais maturidade” (Homem, 63 anos, pardo, renda entre 1 e 2 SM)

Na gerontologia moderna, cada vez mais é discutido e abordado os ganhos que o envelhecimento potencialmente possibilita a essa nova fase. Saberes e experiências acumuladas, formação de relações e identidades, realização de projetos em uma nova etapa da vida, conjunto esse de fatores que preenche o modelo de envelhecimento ativo (Debert; Brigeiro, 2012). Todavia, o que Luiz *et al.* (2018) considera também é que a cultura, a religião, atividade e individualidade que cada população apresenta devem ser consideradas e avaliadas, pois contribuem para a percepção que o indivíduo tem dos fenômenos sociais.

Tendo em vista esses aspectos, a religiosidade é um fator presente nesta classe, marcada nessa classe por discursos como:

“Vivo cansada, mas agradeço a Deus por viver até aqui” (Mulher, 70 anos, parda, renda de até 1 SM)

“São muitas dificuldades por conta do aparecimento de doenças, mas agradeço a Deus por chegar até aqui” (Homem, 66 anos, branco, renda entre 1 e 2 SM)

Nesse ínterim, a espiritualidade e a religiosidade são mecanismos importantes para as pessoas idosas lidarem com as situações na vida e alcançarem o bem-estar (Scortegagna; Pichler; Faccio, 2018). Isso corrobora com o estudo de Alves *et al.* (2022) que verificou como a religiosidade foi ferramenta importante para os idosos enfrentarem adversidades, como a recente pandemia de COVID-19. Além disso, Muhammad (2022) aponta que a religião pode ter papel protetivo na saúde de pessoas idosas, contribuindo para redução na chance de comprometimentos cognitivos.

“É um acúmulo de conhecimentos, mas ao mesmo tempo se você pensar na velhice sem ter fé em Deus, você desiste” (Mulher, 69 anos, parda, renda entre 2 e 3 SM)

Diante disso, é importante considerar o perfil sociodemográfico dos entrevistados, uma vez que a maior parte deles está vinculada a alguma religião. Com isso, fica evidente que, embora elenquem uma série de desafios na velhice, ter sua fé e espiritualidade os ajuda a ter sabedoria para superar os obstáculos do envelhecimento. Além disso, esta sabedoria está associada à possibilidade da pessoa idosa apresentar ganhos relacionados às capacidades desenvolvidas através da cultura, inspirando o idoso a desenvolver-se nos domínios artísticos, de lazer e do manejo das questões existenciais, visto que ele percorreu um longo trajeto rico em experiências (Neri, 2008; Novaes, 1997). Consoante a isso, um estudo sobre bem-estar na velhice destacou a espiritualidade e religião como elementos de alta-relevância para as pessoas idosas (Reissmann; Storms; Woopen, 2021), ressaltando o papel da religiosidade e espiritualidade na experiência de envelhecer.

3.3. Classe 1 – Envelhecimento Como Etapa Natural

Nesta classe, os entrevistados associam as representações sociais da velhice a outro aspecto, referente ao processo de envelhecer, pautando-se na dimensão cronológica e biológica.

“A velhice faz parte da vida do ser humano, em que os anos vão passando e a pessoa ganhando experiência” (Mulher, 82 anos, parda, renda entre 2 e 3 SM)

“É um processo natural que possui características particulares” (Homem, 78 anos, branco, renda entre 2 e 3 SM)

De fato, a velhice pode ser compreendida como um período do desenvolvimento do indivíduo, caracterizado pelo curso da idade cronológica e do amadurecimento do indivíduo, se tipificando de acordo com as definições e significados que o idoso tem do movimento de envelhecer (Brito; Camargo; Castro, 2017). Além disso, caracterizar a velhice através do marcador cronológico é um fator muito comum, haja vista que como afirmam Fachine e Trompieri (2012) a compreensão sobre envelhecimento por muito tempo foi baseada na perspectiva biológica, tendo mais reconhecimento tanto na ciência quanto no senso comum.

O processo de envelhecimento, embora difícil para muitos, é algo natural, trazendo junto consigo algumas mudanças em várias dimensões (Rodrigues et al., 2021; Zimmerman, 2009). Dessa forma, tais modificações ocorrem não somente na dimensão física, como rugas, marcas no corpo, cansaço, mas também no campo social, à exemplo: aposentadoria, distanciamento de pessoas do convívio.

“É necessário aceitar os males da própria velhice e as limitações que ela traz, a ansiedade e preocupação maior com a vida” (Homem, 70 anos, branco, renda entre 2 e 3 SM)

“É uma fase com várias experiências para contar, mas com poucos dispostos a ouvir” (Mulher, 82 anos, parda, renda entre 2 e 3 SM)

Os trechos mencionados acima evidenciam um pouco das diferentes dimensões afetadas na vida segundo os idosos ao envelhecer, uma vez que destacam tanto os elementos orgânicos e suas conseqüentes limitações, quanto a redução nas relações sociais. Nota-se que as mudanças físicas são alvo de preocupação para as pessoas idosas, aspecto em consonância à literatura, que destaca que mudanças físicas, estruturais e funcionais são características próprias do envelhecimento (Calixto; Paglia; Silva, 2023). Contudo, ainda de acordo com as autoras, é importante diferenciar o processo natural da senescência do envelhecimento senil, sendo este último o adoecimento físico e mental que pode acometer alguns idosos.

Ou seja, envelhecer não implica necessariamente no aparecimento de patologias no idoso. Isso porque embora o envelhecimento seja algo normal, é importante frisar que esse processo se tipifica a partir do estilo de vida do idoso desde a sua juventude (Guerra et al., 2021; Fachine; Trompieri, 2012). Ou seja, essas mudanças não podem ser generalizadas, podendo ter idosos com aptidão física para exercícios diários, ao passo que outros podem ter sua saúde fragilizada e limitações físicas (Burgos, 2020). Contudo, embora as alterações e comprometimentos físicos ocorram na velhice, vale destacar que o meio social frequentemente reforça a visão negativa do processo de envelhecer, pois como afirmam Matta, Oliveira e Silveira (2022) a sociedade vive sob uma ditadura da aparência e enxerga os sinais do envelhecimento, especialmente as debilidades físicas como sinônimo de deteriorização.

Dessa maneira, não é por acaso que os participantes elencam a redução das relações sociais como algo recorrente em suas experiências. O elemento “solidão” ancorado às representações sociais dos idosos ressalta um aspecto importante a ser considerado, uma vez que a solidão no envelhecimento pode antecipar a morte e precipitar agravos nas pessoas (Valtorta et al., 2018). É interessante notar esse ponto, considerando que, como apontam Alves et al. (2022) no recente contexto pandêmico o sentimento de solidão intensificou-se, tendo em vista o confinamento social que os idosos passaram. Nesse sentido, as implicações do isolamento podem ser várias, dentre elas o impacto na saúde mental, como demonstra o estudo de Mistry et al. (2021) ao identificar uma relação positiva entre o isolamento social e a depressão entre idosos.

Além disso, Vecchia et al. (2005) destacam que na velhice pode haver dificuldades para a pessoa se adaptar à novos papéis, necessidade de trabalhar as perdas biológicas, afetivas e sociais, dificuldade de se adaptar às mudanças rápidas, alterações psíquicas, além de baixas autoimagem e autoestima. Desse modo, é fulcral considerar que muitas dessas mudanças acarretam na necessidade do idoso de se perceber e agir diante de novas formas de se relacionar com o meio. Diante desse cenário, é importante considerar que essas modificações atribuídas ao papel social do idoso não são inatas ou fruto de um processo unicamente individual, mas que, embora a velhice seja uma etapa natural, ela está ancorada a fatores sociais e culturais.

“Entendo a velhice como uma experiência cronológica subjetiva que pode ser construída de várias formas diferentes” (Mulher, 69 anos, branca, renda entre 1 e 2 SM)

Assim, salienta-se que o envelhecimento que acarreta na velhice em si associa-se a aspectos naturais, mas também elementos particulares do contexto em que a pessoa está (Araújo; Carlos, 2018). Corroborando com isso, Younis, Ibrahim e Ahmed (2024) ratificam que o envelhecimento abrange componentes fisiológicos, psicológicos e sociológicos que estão inter-relacionados, agindo de forma dinâmica na vida das pessoas. Dessa forma, a experiência da velhice é multifacetada, abarcando não só fatores biológicos, mas também, sociais e culturais (Silva *et al.*, 2020), de modo que ao se discutir sobre ela é fundamental considerar os aspectos sociais, econômicos, de classe, culturais, entre outros em que a pessoa idosa vive.

4. Conclusão

A velhice tem se tornado, cada vez mais, um tema importante a ser discutido, tendo em vista o fenômeno de envelhecimento populacional no Brasil e no mundo. Tendo isso em vista, o debate sobre esse assunto urge cada vez mais nos diferentes espaços sociais e políticos. O presente estudo versou sobre a análise das representações sociais da velhice frente ao contexto da pandemia de COVID-19. Observa-se que os entrevistados destacam desafios e limitações ancorados à velhice, ao passo que também apontam para seu caráter subjetivo e contextual.

Desse modo, foi possível apreender as percepções individuais e coletivas de pessoas idosas brasileiras, que perpassaram por diferentes dimensões da velhice, sejam elas biológicas, sociais e/ou psicológicas. Além disso, ainda que a pandemia tenha sido um cenário de fundo desta pesquisa, é importante verificar como as pessoas idosas percebem esse fenômeno frente a um novo cenário social.

Ademais, deve-se considerar que o presente estudo debruçou-se sobre uma temática ainda pouco explorada, que é a percepção sobre velhice considerando o recente contexto pandêmico. Além disso, a modalidade de coleta de dados online foi um desafio marcante neste trabalho, tanto pela necessidade dos pesquisadores elaborarem novos modos de encontrar com os participantes e se aproximar destes, quanto pelo fato de que as ferramentas virtuais ainda não são um recurso presente na realidade de toda a população brasileira.

Entretanto, a pesquisa conta com um arcabouço robusto de informações fulcrais para auxiliar na compreensão que as pessoas idosas têm do envelhecimento e da velhice propriamente dita no Brasil, evidenciando as concepções. Assim, espera-se fomentar a necessidade de novos estudos sobre a temática, bem como contribuir para as discussões sobre o tema da velhice e suas implicações nos diversos campos sociais, como saúde, educação, entre outros na realidade pós-pandemia.

Referências

- ABATE, S. M *et al.* (2020). Prevalence and risk factors of mortality among hospitalized patients with COVID-19: A systematic review and Meta-analysis. **Bull World Health Organ**, vol. 10, n. 45, abril, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2471/BLT.20.251561>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- ALLEN, J. O.; ELIAS, L. K.; GREENWOOD, J. C. Differences and disparities in Ageism affecting older US adults: a review. **Current epidemiology reports**, vol. 10, n. 1, março, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40471-022-00316-6>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- ALVES, M. E. S. *et al.* Aspectos psicossociales de la calidad de vida de los ancianos brasileños en el contexto de la pandemia Covid-19: sus representaciones sociales. **Revista Iberoamericana de psicología**, vol. 15, n. 3, junho, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9050483>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- ARAÚJO, L. F. D.; CARLOS, K. P. T. Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGTB. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, vol. 8, n. 1, abril, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/pcs/v8n1/1688-7026-pcs-8-01-188.pdf>. Acesso em: 10 fev.2025.
- ARRUDA, Â. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de pesquisa**, vol. 117, n. 117, novembro, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000300007>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- BARROSO, A. S. *et al.* **Diálogos Interdisciplinares do Envelhecimento**. São Paulo: Edições Hipótese, 2019. Disponível em: <https://www.onginstitutoenergia.org.br/wp-content/uploads/2019/12/Di%C3%A1logos.Envelhecimento.Hip%C3%B3tese2019.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- BARROSO, E. P. Reflexões sobre a velhice: Identidades possíveis no processo de envelhecimento na contemporaneidade. **História Oral**, vol. 24, n. 1, junho, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v24i1.1128>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- BERDE, É.; KOVÁCS, E.; KURBANOVA, M. The two-sided paradox of ageism during the COVID-19 pandemic: The cases of Hungary, Tunisia and Uzbekistan. **Regional Science Policy & Practice**, vol. 15, n. 3, abril, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/rsp3.12564>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- BRAVO-SEGAL, S.; VILLAR, F. Older people representation on the media during COVID-19 pandemic: A reinforcement of ageism?. **Revista española de geriatría y gerontología**, vol. 55, n. 5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.regg.2020.06.002>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- BRITO, A. M. M.; CAMARGO, B. V.; CASTRO, A. Representação social de velhice e boa velhice entre idosos e sua rede social. **Revista de Psicologia da IMED**, vol. 9, n. 1, agosto, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/download/articulo/6504038.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.

- BRITO, S. B. P. *et al.* "Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI". **Vigilância sanitária em debate**, vol. 8, n. 2, abril, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22239/2317-269x.01531>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- BURGOS, F. Os idosos na agenda governamental. **GV EXECUTIVO**, vol. 19, n. 1, janeiro, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/download/81437/77747>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- CALIXTO, F. C.; PAGLIA, B. A. R.; SILVA, M. F. P. T. B. Impactos da depressão sobre o envelhecimento: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, vol. 9, n. 6, junho, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv9n6-052>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- CASTRO, J. L. C.; ALVES, M. E. S.; ARAÚJO, L. F. Representações Sociais sobre a Quarentena construídas por Idosas Brasileiras. **Revista Kairós-Gerontologia**, vol. 23, setembro, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2020v23i0p141-164>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- CHAIMOWICZ, F.; CHAIMOWICZ, G. O. F. Envelhecimento populacional brasileiro. **PISTA: Periódico Interdisciplinar [Sociedade Tecnologia Ambiente]**, vol. 4, n. 2, dezembro, 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pista/article/view/29830>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- CHANG, E. S. *et al.* Global reach of ageism on older persons' health: A systematic review. **PloS one**, vol.15, n. 1, janeiro, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0220857>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- CHEN, C. *et al.* Health-related quality of life and associated factors among oldest-old in China. **The Journal of nutrition, health and aging**, vol. 24, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12603-020-1327-2>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- DANIEL, F.; ANTUNES, A.; AMARAL, I. Representações sociais da velhice. **Análise Psicológica**, vol. 33, n. 3, novembro, 2015. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/view/972/pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- DEBERT, G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 27, n. 80, outubro, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300003>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- DONIZZETTI, A. R. Ageism in an aging society: The role of knowledge, anxiety about aging, and stereotypes in young people and adults. **International journal of environmental research and public health**, vol. 16, n. 8, abril, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph16081329>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- DOURADO, S. P. C. A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em grupo de risco. **Cadernos De Campo (São Paulo-1991)**, vol. 29, julho, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp153-162>. Acesso em: 10 fev. 2025.

- FARO, A. *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, vol. 37, fevereiro, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- FECHINE, B. R. A.; TROMPIERI, N. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **Inter Science Place**, vol. 1, n. 20, março, 2012. Disponível em: <https://www.fonovim.com.br/arquivos/534ca4b0b3855f1a4003d09b77ee4138-Modifica----es-fisiol--gicas-normais-no-sistema-nervoso-do-idoso.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- GAVIANO, L. *et al.* Reconsidering “Aging Well” According to Multiple Definitions: A Multidimensional Approach to Clinical Psychology of Aging. *Geriatrics*, vol. 9, n. 5, setembro, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/geriatrics9050120>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- GOMES, H. V. *et al.* Envelhecimento de homens gays brasileiros: Representações sociais acerca da velhice LGBT. **Psychologica**, vol. 63, n. 1, julho, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.14195/1647-8606_63-1_3. Acesso em: 10 fev. 2025.
- GOUDARZIAN, A. H. *et al.* A concept analysis of ageism from older adults’ perspective: a hybrid model. **Annals of Medicine and Surgery**, vol. 86, n. 8, agosto, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/ms9.0000000000002323>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- GU, D.; ANDREEV, K.; DUPRE, M. E. Major trends in population growth around the world. **China CDC weekly**, vol. 3, n. 28, julho, 2021. Disponível em: [doi10.46234/ccdcw2021.160](https://doi.org/10.46234/ccdcw2021.160). Acesso em: 10 fev. 2025.
- GUERRA, M. F. S. D. S. *et al.* Contribuições da Atividade física no envelhecimento dos idosos. **Research, Society and Development**, vol. 10, n. 1, janeiro, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11537>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- HARDEN, K. *et al.* COVID-19 Shines a Spotlight on the Age-Old Problem of Social Isolation. **Journal of Hospice & Palliative Nursing**, vol. 22, n. 6, dezembro, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/njh.0000000000000693>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 10 fev. 2025.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeções da População: Brasil e Unidades da Federação: Revisão 2024**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102111>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- JODELET, D. A representação: noção transversal, ferramenta da transdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 46, n. 162, outubro, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143845>. Acesso em: 10 fev. 2025.

- LANGMANN, E. Vulnerability, ageism, and health: is it helpful to label older adults as a vulnerable group in health care?. **Medicine, Health Care and Philosophy**, vol. 26, n. 1, 2023. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11019-022-10129-5>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- LENCHIK, L.; STEINBACH, L.; BOUTIN, R. D. Ageism in society and its health impact. **American Journal of Roentgenology**, vol. 221, n. 1, fevereiro, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.2214/AJR.22.28748>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- LIMA, A. V.; KONRAD, J. A TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA NO BRASIL E O IMPACTO NA PREVIDÊNCIA SOCIAL. **Boletim Economia Empírica**, vol. 1, n. 2, maio, 2020. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/bee/article/view/4112>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- LUIZ, K. K. I. *et al.* Envelhecimento e velhice: Protagonismo, temporalidade e desafios. **Temporalis**, vol. 18, n. 35, junho, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6580670.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025
- MANSO, M. E. G.; COMOSAKO, V. T.; LOPES, R. G. C. Idosos e isolamento social: algumas considerações. **Revista Portal de Divulgação**, v. 58, outubro, 2018. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/antiores/index.php/revistaportal/article/viewFile/750/811>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- MARCON, S. S. *et al.* Famílias cuidadoras de pessoas com dependência: um estudo bibliográfico. **Online Braz J Nurs**, vol. 5, n. 1, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3614/361454001020.pdf> . Acesso em: 10 fev. 2025.
- MATTA, B. A. R.; OLIVEIRA, P. T.; SILVEIRA, C. A cultura da velhice na contemporaneidade: Vivemos como jovens enquanto os outros já nos percebem como velhos. **Fazeres em Pesquisa e Escrita Revista Interdisciplinar**, vol. 2, n. 1, 2022.
- MISTRY, S. K. *et al.* Exploring depressive symptoms and its associates among Bangladeshi older adults amid COVID-19 pandemic: findings from a cross-sectional study. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, vol. 56, março, 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00127-021-02052-6>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MUHAMMAD, T. The role of religiosity and religious participation in the relationship between depressive symptoms and cognitive impairment among older Indian adults. **Scientific reports**, vol. 12, n. 1, julho, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-022-14744-3>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- NERI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2008.

- NIA, H. S. *et al.* Psychometrics of Persian Version of the Ageism Survey among an Iranian older Adult Population during COVID-19 pandemic. **Frontiers in Public Health**, vol. 9, novembro, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.683291>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- NOVAES, M. H. **Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1997.
- OLIVEIRA, A. S. *et al.* Representações sociais de idosos sobre a COVID-19: análise das imagens publicadas no discurso midiático. **Revista Kairós-Gerontologia**, vol. 23, n. 28, setembro, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2020v23i0p461-477>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- OLIVEIRA, J.; KERR, A. It takes a village: health and old-age support in China. **Review of Economics of the Household**, dezembro, 2024. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11150-024-09750-5>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- OLIVEIRA, P. I. D.; ANDERSON, M. I. P. Envelhecimento, finitude e morte: narrativas de idosos de uma unidade básica de saúde. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, vol. 15, n. 42, junho, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.5712/rbmfc15\(42\)2195](https://doi.org/10.5712/rbmfc15(42)2195). Acesso em: 10 fev. 2025.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2013.
- PEREIRA, V. L. M. S.; LEONARDO, J. F. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE E DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DA MULHER NA MEIA IDADE: PRECONCEITO, ESTIGMATIZAÇÃO. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação**, vol. 9, n. 10, novembro 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11664>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- REISSMANN M.; STORMS, A.; WOOPEN, C. Individuals values and spirituality and their meaning for affective well-being and engagement with life in very old age. **Zeitschrift fur Gerontologie und Geriatrie**, vol. 54, novembro, 2021. Disponível em: [doi10.1007/s00391-021-01974-9](https://doi.org/10.1007/s00391-021-01974-9). Acesso em: 10 fev. 2025.
- RIEDEL-HELLER, S. G. Social integration and health. **Psychiatrische Praxis**, vol. 49, n. 2, março, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1055/a-1736-4190>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- ROCHA, L. F. Teoria das representações sociais: a ruptura de paradigmas das correntes clássicas das teorias psicológicas. **Psicologia: ciência e profissão**, vol. 34, n. 1, março 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100005>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- RODRIGUES, L. P. *et al.* Hallmarks of aging and immunosenescence: connecting the dots. **Cytokine & growth factor reviews**, vol. 59, junho, 2021. Disponível em: [DOI10.1016/j.cytogfr.2021.01.006](https://doi.org/10.1016/j.cytogfr.2021.01.006). Acesso em: 10 fev. 2025.

- ROMERO, D. E. *et al.* Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. **Cadernos de saúde pública**, vol. 37, n. 3, março, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csp/v37n3/1678-4464-csp-37-03-e00216620.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- SANCHEZ, C. C.; MARTINEZ, J. M. C.; HERNANDIS, S. P. Caregiving expectations and preferences in gay adult men during old age: barriers or difficulties associated with sexual orientation. **Cuadernos de Trabajo Social**, vol. 37, n. 1, 2024. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CUTS/article/download/88195/4564456568350/4564456700216>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- SCORTEGAGNA, H. D. M.; PICHLER, N. A. FÁCCIO, L. F. Vivência da espiritualidade por idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, vol. 21, n. 3, junho, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562018021.180011>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- SHER, L. Are COVID-19 survivors at increased risk for suicide?. **Acta neuropsychiatrica**, vol. 32, n.5, maio, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/neu.2020.21>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- SILVA, H. G. *et al.* Representações sociais de mulheres idosas sobre o envelhecimento social. **Rev. enferm. Cent.-Oeste Min**, vol. 10, dezembro, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.19175/recom.v10i0.3821>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- SON, H. *et al.* The moderating effect of social support between loneliness and depression: differences between the young-old and the old-old". **International Journal of Environmental Research and Public Health**, vol. 19, n. 4, fevereiro, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph19042322>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- SOUSA, E. M. D. S. *et al.* People Living with HIV, LGBT People and Intersectional Experiences: young adults' conceptions of old age and aging. **Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social**, vol. 8, n. 2, agosto, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8633479.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- TEIXEIRA, S. M. D. O. *et al.* Perceptions and Experiences of Elderly People on Discrimination in Old Age. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 24, dezembro, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2024.66572>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- VALTORTA, N. K. *et al.* Loneliness, social isolation and risk of cardiovascular disease in the English Longitudinal Study of Ageing. **European journal of preventive cardiology**, vol. 25, n. 13, setembro, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2047487318792696>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- VECCHIA, R. D. *et al.* Qualidade de vida na terceira idade: um conceito subjetivo. **Revista brasileira de epidemiologia**, vol. 8, n. 3, setembro, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2005000300006>. Acesso em: 10 fev. 2025.

- WISTER, A. V.; SPEECHLEY, M. Tensões inerentes entre o envelhecimento populacional e os sistemas de saúde: como será o sistema de saúde canadense em vinte anos?. **Journal of Population Ageing**, vol. 8, n. 4, junho, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12062-015-9123-1>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- YOUNIS, N. M.; IBRAHIM, R. M.; AHMED, M. M. Health problems related to Quality of Life among Aging in Iraq. **Journal of Current Medical Research and Opinion**, vol. 7, n. 6, junho, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.52845/CMRO/2024/7-6-35>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- ZIMERMAN, G. I. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.52845/CMRO/2024/7-6-35>. Acesso em: 20 jan. 2025.